

A personagem da prostituta no romance *O ciclo das águas* de Moacyr Scliar

DANIELA ZELKOVÁ
(Olomouc)

THE CHARACTER OF THE PROSTITUTE IN THE NOVEL *O CICLO DAS ÁGUAS* BY MOACYR SCLIAIR

The article¹ investigates a representation of a character of a prostitute in the novel *O Ciclo das águas* (1975) by the Brazilian author Moacyr Scliar. Its objective is to analyse how the author portrayed the protagonist, a Jewish immigrant of Polish origin, who lived in Brazil as a prostitute, and what role was this character given. It focuses on a question if the author created a stereotype to condemn, under the traditional Christian morality, the vices of the society or, on the contrary, if the character was portrayed in an alternative perspective to condemn the prejudice, which existed in the Brazilian society and in the Jewish community, against this type of profession.

KEYWORDS: Brazilian literature, novel, Judaism, prostitution

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira, romance, judaísmo, prostituição

¹ O artigo foi criado no âmbito do apoio do Ministério da Educação Tcheca à Universidade Palacký em Olomouc (IGA_FF_2021_022).

INTRODUÇÃO

O romance *O ciclo das águas*, publicado no ano de 1975, foi o quarto romance do escritor brasileiro Moacyr Scliar. Como observa Berta Waldman, a obra pertence à fase da criação do autor na qual ele, na década de 70, retratou a vida dos habitantes judeus no bairro de Bom Fim, na cidade de Porto Alegre (2004: 51). A facilidade e a autenticidade com as quais o Scliar tratou essa temática provém, sobretudo, da sua origem, sendo ele filho de imigrantes judeus-russos da Bessarábia, criado em Porto Alegre.

O romance retrata a vida de uma judia polonesa chamada Esther e do seu filho Marcos. O enredo inicia-se na sua juventude quando um dia retorna à aldeia, onde mora a família de Esther, Mêndele, amigo da infância de Esther, com o objetivo de casar com ela e partir para a América. O pai de Esther, o *mohel* da aldeia, homem respeitado que faz circuncisão, estranhamente calado, concorda. Após a festa de casamento os dois vão a Paris, onde o véu da farsa começa a cair e Esther descobre que foi enganada por Mêndele, um membro do tráfico de mulheres brancas para a América do Sul. No Brasil, aonde Esther chega sozinha porque Mêndele morre durante a viagem de navio, por ela espera o proxeneta Leiser. Ele a leva a Porto Alegre, onde Esther, sem dispor de outra possibilidade, começa a construir a sua vida se prostituindo, tendo um filho e até fundando o seu próprio prostíbulo.

1. O TRÁFICO DE “POLACAS”

Um dos temas mais destacados deste romance, que de certa forma vai influir na representação de prostituta, é o tráfico de “escravas brancas” da Europa para a América do Sul, nas primeiras décadas do século XX. Margareth Rago na sua tese *Prazeres da noite* (1990), aborda em detalhes a problemática da organização mafiosa fundada no início do século XX na Polônia que, sob o nome de *Sociedade Israelita de Socorros Mútuos Varsóvia*, traficava mulheres para Argentina e para o Brasil (1990: 439). Esta mantinha a sua sede em Buenos Aires e só começou a ser perseguida nos anos trinta pelas autoridades públicas argentinas (RAGO, 1990: 440).

Posteriormente, esta organização dividiu-se em duas máfias: Asquenasum e Zwi Migdal. A segunda atuava em várias cidades no Brasil, como o Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, embora com menos influência que na Argentina. Os traficantes desta vertente eram, em grande parte, poloneses. O procedimento comum era viajar às localidades mais pobres dos países da Europa Oriental – nomeadamente Polônia, Áustria, Romênia, Hungria e Rússia – à procura da nova mercadoria. Fingindo terem enriquecido na América, os cáftens regressavam à aldeia natal procurando uma esposa que fosse da mesma nacionalidade, infiltravam-se na família com dificuldades econômicas e começavam a mostrar interesse na filha mais velha (RAGO, 1990: 440).

Rago menciona que existem depoimentos sobre a existência das informantes que cooperavam com os cáftens: “O jornalista, que acompanhou de perto a atuação dos cáftens nessas aldeias, conta que não raro obtinham o apoio de uma antiga habitante do vilarejo, que lhes indicava as jovens mais interessantes, as órfãs, as mais ingênuas ou mais atrevidas, as mais bonitas, e assim por diante” (1990: 441). Algumas famílias, sofrendo miséria, literalmente vendiam as suas filhas, com vistas de melhoria seja da situação econômica da família, seja da vida das filhas.

Por mais terrível que pareça a situação das judias vendidas, Rago adverte que a maioria das mulheres traficadas para a América do Sul “participava desse meio, conhecia suas regras e desejava fazer a América como prostituta nos principais mercados do prazer” (1990: 448). Segundo a observação de Ricardo Pinto, que investigava as circunstâncias do tráfico das mulheres brancas ao Rio de Janeiro, poucas destas mulheres vinham iludidas ou forçadas (PINTO apud RAGO, 1990: 448). Assim, nem engano, nem desencanto fazem parte do seu percurso para o Brasil, o destino onde estas mulheres pretendiam “fazer América”. A protagonista não partiu para o Brasil com a visão de “fazer América”, mas no final o destino dela foi este. A desilusão das mulheres enganadas e vendidas viveu só por um momento. Anna Wolny no seu estudo *Nem polonesa, nem judia* (2020) sublinha que Esther já no navio “começa uma vida amoral, apesar de não ser obrigada a se sustentar deste modo indigno” (2020: 140). Desde o momento em que pôs os pés no continente americano até o final do romance vai afirmando a sua

competência no ofício de prostituta e logo como proprietária do próprio prostíbulo.

Apesar de que, conforme Rago, o número de prostitutas vindas da Europa fosse proporcionalmente menor do que o das prostitutas brasileiras, em algumas partes do país a denominação “polaca” passou a ser sinônimo de prostituta em geral (1990: 449). A protagonista Esther é chamada de “polaca”, porém, de acordo com Rago, esta denominação nem sempre se referia às moças judias ou polonesas: “Nos registros policiais em que aparecem, ou mesmo na imprensa, as ‘polacas’ não eram associadas, ao menos diretamente, à figura da prostituta judia, embora quando esta emergia nas notícias era chamada de ‘polaca’” (1990: 451). Por outro lado, Rago alega que “por ‘polacas’, entendia-se mulheres loiras vindas de países da Europa Oriental, que a imaginação popular romantizava e confundia totalmente” (1990: 451). Como podemos observar, a denominação surge à base da percepção generalizada do povo polonês e, no sentido mais amplo, dos povos da Europa do Leste, em combinação com o prestígio duvidoso automaticamente associado às moças de origem europeia, como se vê em outra denominação utilizada, na época, para uma meretriz – “francesa”.

Porém, enquanto as “francesas” eram associadas ao progresso e à modernidade, “polacas” tinham um ar exótico: “A figura da mulher judia combinava exotismo e misticismo no imaginário social: uma promessa de viagem para as regiões distantes, a vivência de uma relação amorosa diferente e excitante, e o lado místico, por ser alguém que participava de um outro credo religioso que suscitava muita curiosidade na época” (RAGO, 1990: 454). Esta é também uma das razões pelas quais a protagonista do romance se torna rapidamente a mulher mais valorizada e procurada do prostíbulo onde foi colocada.

2. ANÁLISE

2.1 Esther, a vítima do tráfico de mulheres

A base da inspiração temática do romance foi o tráfico de mulheres judias, um fenômeno histórico que relaciona os continentes

européu e sul-americano. A opção da protagonista também foi baseada numa pessoa real. Como indica Rago, Moacyr Scliar, exercendo a profissão de médico, criou a personagem de Esther a partir das confidências de uma paciente de quem tratou (1990: 445).

Portanto, sendo Esther o fruto de acontecimentos reais, deve ser como uma representante das “escravas brancas”, encarada no primeiro plano como uma vítima. Esta vitimização se deve a vários fatores da situação na qual ela se encontra. No início do romance, ela é afastada da sua família e do lar, o único ambiente que até aquele momento conhecia. A seguir, começa a depender totalmente do marido, um homem no fundo bastante desconhecido para ela. A estes fatores é preciso adicionar a doença de Mên dele no navio, que enche Esther de súbito desespero acerca do seu futuro: “Sacudia Mên dele, interrogava-o: o que deveriam fazer em Buenos Aires? a quem procurar? onde? E depois: *o que vai ser de nós, Mên dele?*” (SCLIAR, 2010: 26) Depois da morte do marido, surge nela a preocupação de ser suspeita, pelo proxeneta Leiser, de matar Mên dele: “Esther contou o ocorrido e começou a chorar, de medo que o homem a acusasse da morte do rapaz” (SCLIAR, 2010: 28). Por último, vindo ao Brasil absolutamente sozinha e basicamente como um produto de venda, Esther cai nas mãos da máfia judia, sem possibilidade de fugir.

Rago percebe a vivência de Esther como uma “experiência trágica” (1990: 445) e acentua a impossibilidade destas mulheres conseguirem escapar das garras de cáptens porque eles, em muitos casos, cooperavam com policiais e autoridades públicas (1990: 446). Embora uma mulher importada pelo tráfico fosse rebelde e conseguisse denunciar o crime, o policial corrupto ia, frequentemente, devolvê-la aos braços do cápten, que a seguir iria transferi-la para um prostíbulo mais distante (RAGO, 1990: 447).

2.2 A resistência de Esther

Embora Esther partilhe a vida de outras mulheres que se tornaram vítimas do tráfico de mulheres e a sua possibilidade de se libertar do controle da máfia não pareça real, o autor mostra o seu lado resistente e a energia vital que a ajudam a sobreviver às situações desfavoráveis. Scliar nos apresenta duas faces de Esther. De um lado

há uma mulher de ilusões perdidas. Após o casamento, privada da noite de núpcias que devia confirmar o amor genuíno pelo qual foi movida, ela sente tudo menos felicidade: “ela, no camarote, chorava. Por três razões: fúria & decepção & vergonha” (SCLIAR, 2010: 19). De outro lado, ela não permanece triste por muito tempo, pois a cidade de Paris, os cabarés, a vida noturna e os homens a encantam. Esther gosta de descobrir a sua sexualidade e não se recusa aos convites e às aventuras sexuais com outros homens mesmo depois da trágica morte de Mêndele.

Wolny interpreta estas duas faces da protagonista como uma transformação da mulher obediente às ordens dos homens, no sistema patriarcal, em Esther “polaca”, que toma a iniciativa, mas ainda não se torna totalmente autônoma (2020: 129-130). Wolny põe em destaque a vontade de Esther de viver ao seu jeito e gozar da sua condição de mulher, em vez de se lamentar e deixar-se absorver pela desilusão: “Depois da noite na Casa dos Prazeres, onde se entrega a vários parceiros, Esther sente muito mais satisfação do que vergonha” (2020: 130).

A viagem para a América representa, de certo ponto, a fase em que Esther encontra a si mesma e começa a fazer-se dona de si própria. No momento em que Mêndele fica muito doente e sem capacidade de vigiar a futura prostituta, observamos a troca de papéis entre supervisor e subordinado. Esther, sob a influência dos há pouco descobertos prazeres corporais, está aborrecida com o estado de Mêndele, mas procura o médico e cuida dele. Esta troca de posições poderia ser uma primeira pitada de independência na vida dela. Contudo, a independência prematura infelizmente acaba após desembarcar em Buenos Aires, quando Esther é entregue às mãos de Leiser. Uma vez experimentadas, seja a liberdade, seja o prazer, a protagonista começa a enfrentar uma luta interior: “a da ‘fêmea notável’ que, graças ao seu lado selvagem e primitivo ganha aplauso dos seus opressores, e a de uma mulher que acabou de acordar para uma realidade bruta e violenta, em que a mulher tem que lutar pela sua própria sobrevivência e em que obedecer a ordens masculinas garante uma derrota” (WOLNY, 2020: 130). Estas duas naturezas não somente estão em oposição, como promovem a passagem de Esther de vítima para lutadora. O seu caráter da mulher lutadora é retratado por várias situações: ao contrário de outras prostitutas não teme o

proxeneta Leiser e está pronta para agredi-lo; se nega fazer aborto e consegue criar o filho sozinha mesmo depois do pai do filho tê-la abandonado; foge do prostíbulo que Leiser gerencia e funda o seu próprio; fazendo de tudo para o filho dela, enfrenta vários obstáculos como a hipocrisia e a corrupção.

2.3 Esther entre o judaísmo e a prostituição

Berta Waldman encontrando paralelos entre a ambivalência de Esther e a figura da sereia que de várias maneiras acompanha a protagonista ao longo do romance, indica diferentes contradições da protagonista, dentre os quais os mais importantes para a análise são a sua oscilação entre o judaísmo tradicional e a cultura cristã e o seu papel de prostituta e mãe (2002: 16).

Por mais libertina que seja a sua atuação no Brasil, o judaísmo, que trouxe dentro de si, está sempre presente na vida dela. Manifesta-se como uma culpa que a persegue por meio dos sonhos com o pai: “O *mohel* de pé junto à cama dela – leito impuro – apontando-a com dedo acusador, declarando-a maldita” (SCLIAR, 2010: 31). Por outro lado, esta culpa não atrapalha a vida dela, pois não vai mais além do mundo onírico: “Acordando em prantos, mas logo – ao ver o sol – sorrindo. Espreguiçando-se” (SCLIAR, 2010: 31). Porém, nas cartas que escreve aos pais, Esther nunca descreve a verdadeira vida que ela leva no Brasil, para esconder a vergonha de ser uma mulher impura, manchando a família.

Além das noções de imoralidade e impureza serem em geral relacionadas com a figura da prostituta, no judaísmo o conceito de impureza tem ligação também com a mulher. Conforme Donin, o livro do Torá considera a mulher impura durante a menstruação, quando deve ser separada do marido para seguir “reglas de la pureza familiar” (1983: 147). Para tornar-se limpa de novo, ela deve submeter-se a um ritual de imersão na água quente chamado *mikvé* (DONIN, 1983: 148).

Embora Esther, devido ao seu ofício, rompa com as regras rigorosas do judaísmo, sente o apego às suas raízes e à educação que lhe foi dada. Ela se encontra basicamente na transição entre o mundo judaico, que a rejeita, e o mundo da vida no pecado que, embora se esteja entregando a ele, causa-lhe remorsos. Esta transição existe

somente na forma de conflito interior dela, onde o que ela vive e aproveita está em oposição àquilo que percebe como certo. Por outro lado, a realidade não se define por esta transitoriedade. A atitude do mundo judaico é a rejeição da prostituta. Portanto quando Esther movida por saudade sincera decide ir ao cinema assistir a um filme ídiche, os judeus ao verem-na passar, afastam-se e uma senhora cospe no chão. A sua chance de redenção diante da religião judaica é depositada em seu filho Marcos, a quem tenta criar como um verdadeiro judeu, embora fosse fruto de uma relação extraconjugal.

No que se refere a Marcos, em quem Esther concentra a esperança de remediar os seus pecados, Wolny observa que ele restitui a voz da mãe, a voz de uma mulher que no sistema patriarcal deve ser silenciada (2002: 126). Porém, Marcos não levou a vida com a qual Esther sonhava, conforme as normas do judaísmo, nem se casou com uma mulher judia: “Casei com Elisa. Vivemos bem. Tudo correu exatamente como estava previsto nos *slides* – exceto quanto ao nosso casamento, ao qual Esther não foi: não me perdoava ter casado com uma *gói*” (SCLIAR, 2010: 136). Assim há dois casamentos importantes na vida de Esther e ambos provocam o seu desapontamento. O casamento é o primeiro passo para a criação da família que “es el núcleo de la sociedad judía y el centro de su vida religiosa” (DONIN, 1983: 130). Muitas das leis judaicas partem da existência da família na forma que Esther não teve oportunidade de criar, porque esta oportunidade lhe foi negada pela máfia judaica.

O ambiente mais hostil para Esther é, paradoxalmente, o da comunidade judaica. Quando Esther quer participar dos eventos judaicos, é rejeitada. Quando como mãe quer que o filho participe dos rituais judaicos o *mohel* da comunidade tenta recuar chamando Marcos de “o filho de uma impura” (SCLIAR, 2010: 74). Ela é aceita apenas no seu papel de prostituta, quando os pais judeus a procuram suplicando para ela iniciar sexualmente os seus filhos: “tenho um filho, a senhora sabe, um bom rapaz, mas tímido, já está com vinte anos e não foi com mulheres, então eu vim falar com a senhora, sei que a senhora é uma moça judia, uma boa moça, e para o meu filho quero só o que é bom, o melhor” (SCLIAR, 2010: 40). A comunidade judaica condena a sua essência de mulher judia, mas procura o seu serviço de prostituta.

O autor mostra, no romance, que a iniciação dos homens jovens, sobretudo nos prostíbulos de luxo, era uma prática comum, que no fundo fazia da prostituição um ofício socialmente útil. Rago atribui à prostituição um papel “civilizador” dentro da sociedade, no sentido de contribuir para “preservação da virgindade das moças e da castidade das esposas” (1990: 271). Os prostíbulos também serviram como um espaço de libertação dos ímpetos sexuais dos moços jovens, a fim de não os atrapalharem na vida adulta. Concluindo, a prostituta servia à sociedade como um moderador da sexualidade instintiva masculina que, caso não fosse regulada, poderia ser ameaçadora (RAGO, 1990: 271).

A razão da procura pelos serviços de Esther para a iniciação de um rapaz é dupla: primeiro, pelo fato de ser prostituta e, segundo, por ser judia. Os pais pagam pelos seus serviços, submetendo-se ao risco de seu filho contrair uma doença venérea, como acontece no caso do jovem judeu Rafael, a quem Esther passa sífilis e quem, após um período de namoro, a abandona grávida, forçado pela família. Apesar desse fato, o caso amoroso com Rafael traz a Esther benefícios. Não apenas sai dele o seu único filho, mas este relacionamento também lhe abre os olhos, renovando a sua busca por liberdade e levando-a à decisão de acabar com a dependência dos homens.

A gravidez da protagonista, que Wolny interpreta como “o momento crucial para a metamorfose de Esther” (2020: 126), representa, assim, o primeiro passo para a sua independência. Posteriormente, como proprietária do próprio prostíbulo ela continua, como qualquer pessoa com próprio negócio, dependente dos seus clientes. Já não está dependente dos homens que lhe dizem o que fazer. Já não é uma mera boneca nas mãos dos homens, seja do pai, do marido ou do proxeneta.

Embora a jovem Esther se sentisse muito feliz e cheia de expectativas entrando no matrimônio, podemos perguntar-nos se o papel tradicional de esposa judia a teria feito feliz. Sérgio Feldman acerca a posição da mulher no judaísmo da seguinte forma: “Mulheres são retiradas dos espaços públicos, são excluídas de cerimônias religiosas e limitadas na sua atuação. As suas funções educacionais e religiosas se resumem ao espaço do lar, da família e da vida privada” (2006: 265).

Revisando as situações quando Esther sente felicidade, a primeira procede de uma ideia vaga sobre a vida no matrimônio precedida pelo casamento. Depois experimenta momentos felizes no papel de mãe quando cuida do filho. O papel de maior satisfação, porém, é exercido pela sua sexualidade livre. Um tipo de prazer que não se enquadra na definição da esposa judaica. Se o casamento de Esther tivesse sido válido e não apenas fingido, ela provavelmente não teria descoberto a felicidade que no seu pensamento conta à sua mãe: “Ah, mãe, tu não me ensinaste, mas aprendi ligeiro... E gosto, mãe... É bom. O médico russo... Prazer assim, tu nunca tiveste, nunca terás. Teu marido sabe degolar galinhas, mas não sabe te fazer gozar. E eu, marido não tenho, mas se soubesses como é bom um homem. E a vida que eu levo...” (SCLIAR, 2010: 64).

Conforme Wolny, Esther, enquanto solteira, é “duplamente subjugada ao poder masculino” encarnado pelo pai, primeiro por ser mulher, segundo por ser filha (2020: 126). Ela, sem a permissão do pai, não pode, por exemplo, fazer perguntas ao seu pretendente à mesa: “Quando Esther quer dizer alguma coisa, o pai atalha-a com um gesto” (SCLIAR, 2010: 13). O fato do homem, como pai e marido, possuir a autoridade absoluta, que subjuga as mulheres da casa, se manifesta também na situação quando Mên dele chega, como pretendente, à família de Esther e o *mohel* manda a esposa degolar a galinha para honrar o hóspede. Embora a mulher discorde, o marido a lembra da hierarquia na família dirigindo-se a ela com a frase: “Cala a boca, diz ele, não estou perguntando, estou avisando” (SCLIAR, 2010: 12). Podemos observar que o conceito de superioridade masculina está tão sedimentado na cabeça de Esther que, ao nascer Marcos, ela declara toda orgulhosa que filho dela tem quer ser macho.

Podemos só imaginar como teria sido a vida da protagonista caso nunca tivesse saído da Polônia. Embora o escritor a colocasse num ambiente cheio de contratempos devido a sua origem judaica e o tipo da profissão, ela encontrou o seu próprio caminho. Se livrou da vida sob as restrições da crença judaica e se entregou à vida livre se regendo pela própria razão e ouvindo a voz do seu corpo. Julgada pela comunidade judaica, a sua origem lhe garantiu também a clientela desta comunidade hipócrita, comprovando a sua resistência e jeito de saber converter as desvantagens em vantagens. Apesar de ser vítima

do tráfico de mulheres, Esther como mulher conseguiu saborear a vida. A vida que provavelmente teria acabado de um jeito muito diferente caso ela tivesse permanecido com a sua família. Provavelmente sendo a vítima do fascismo, sepultada “em vala comum” (SCLIAR, 2010: 64), da mesma maneira que seu pai.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas anteriores tentamos mostrar que a personagem de Esther, do romance *O ciclo das águas* de Moacyr Scliar, deve ser analisada, devido às suas contradições, em vários níveis, para que percebamos todas as suas funções no romance. Em primeiro lugar, o escritor construiu esta personagem para denunciar o problema do tráfico de “escravas brancas” provenientes da Europa, na história do Brasil. A protagonista do romance é assim retratada como uma das mulheres europeias que se tornaram vítimas da rede da máfia judaica e, após a chegada à América, foram obrigadas à prostituição.

Simultaneamente, Esther, procedendo de uma família judia, também é representante de uma mulher rejeitada pela sociedade judaica, fortemente hipócrita, que não aceita uma mulher impura, porém, que ao mesmo tempo precisa dos seus serviços da prostituta de origem judaica. O judaísmo também limita o valor de Esther como um ser humano, ou seja, como uma mulher ela é considerada inferior ao homem, sendo o seu papel restringido ao espaço do lar e do ambiente familiar.

Apesar de todas as limitações às quais a protagonista está submetida, o escritor a apresenta como uma mulher que sabe gozar da vida, descobrindo o lado positivo da profissão de prostituição, em vez de cair na apatia pelo infortúnio da sua situação. Esther é retratada como uma mulher forte, que, movida pelo desejo de liberdade e independência, fundou seu próprio estabelecimento, conseguindo ganhar a vida sem apoio de um homem, concentrando todos os esforços no desejo de criar bem o seu filho. É uma mãe que, apesar de permanecer refém dos seus remorsos, consegue resistir e lutar contra a hipocrisia da sociedade até o fim, esperando ser ouvida e redimida por meio do seu filho.

BIBLIOGRAFIA

- DONIN, Hayim Halevy (1983): *El ser judío*. New York, Departamento de Educación y Cultura Religiosa para la Diáspora de la Organización Sionista Mundial.
- FELDMAN, Sérgio Alberto (2006): A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos). In: *Métis: história & cultura*, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, v. 5, n. 10, 251-272. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/.php/metis/article/view/810>> (6/12/2021).
- RAGO, Luzia Margareth (1990): *Os prazeres da noite: a prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/325802>> (6/12/2021).
- SCLIAR, Moacyr (2010): *O ciclo das águas*. Porto Alegre, L&PM.
- WALDMAN, Berta (2004): A guerra no Bom Fim: uma forma seminal? In: *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 47-66.
- WALDMAN, Berta (2002): Entre braços e pernas: Prostitutas estrangeiras na literatura brasileira do século XX. In: *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 22, n. 2, 25-53. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636158>> (6/12/2021).
- WOLNY, Anna (2020): *Nem polonesa, nem judia: A polaca na literatura brasileira do século XX*. Cracóvia, Jagiellonian University Press.

Daniela Zelková

Katedra romanistiky, Filozofická fakulta

Univerzita Palackého v Olomouci

Křížkovského 512/10, Olomouc, ČR

daniela.zelkova@gmail.com